

# A IDEIA DA FÉ

Tratado de Teologia Fundamental

## **COLEÇÃO TEOLOGIA:**

### **1. A IDEIA DA FÉ**

Tratado de Teologia Fundamental, Pierangelo Sequeri

Pierangelo Sequeri

## A IDEIA DA FÉ

Tratado de Teologia Fundamental



Título original:  
L'idea della Fede  
ISBN 88-7105-144-0  
© 2002 Edizioni Glossa, Srl – 20121 Milano  
Piazza Paolo VI, 6

Tradução:  
Artur Morão

Capa:  
GORDO® designers  
Design:  
GORDO® designers

Paginação:  
Editorial Frente e Verso – Braga  
Impressão e acabamentos:  
Luso Impress – Avintes

ISBN 978-989-98322-1-3  
Depósito legal n.º 359886/13

Maio de 2013

Com todas as licenças necessárias

© Frente e Verso  
Rua S. Barnabé, 32  
4710-309 Braga  
[www.frenteverso.pt](http://www.frenteverso.pt)  
[geral@frenteverso.pt](mailto:geral@frenteverso.pt)

## APRESENTAÇÃO

*Consuetudo sine veritate  
vetustas erroris est*  
(Cipriano, *Ep.* 74,9,2)\*

Este livro de teologia fundamental, elaborado na óptica da tradição católica, concebeu-se como ajuda para a atividade didáctica em âmbito académico. Antes de mais, pois, para as faculdades de teologia, para os institutos superiores de ciências religiosas, para os cursos teológicos dos seminários e dos escolasticados religiosos. Mas também para todos os currículos universitários que, de vários modos e a vários títulos, estão assaz abertos – mesmo neste país – à inclusão cultural das temáticas religiosas mediante o estudo oportuno da teologia profissional.

Por estar destinado à prática escolar do estudo e do ensino, o livro foi concebido de modo a facilitar o seu exercício.

A disposição do texto em *dois níveis de leitura* (em corpo normal e em corpo mais pequeno) é um primeiro expediente que se me afigurou útil para a orientação do estudante. As partes mais proeminentes enunciam as teses

---

\* «Costume sem verdade é a vetustez do erro».

sustentadoras do discurso, incluindo eventualmente as articulações e as argumentações fundamentais. Os trechos em caracteres mais pequenos desdobram ulteriormente a reflexão, expõem a análise dos textos ou as argumentações teóricas, completam a exposição dos vários aspectos de cada argumento. Não são necessariamente *menos importantes*. De modo mais simples, indicam ainda visualmente a sua *referência* unitária a um tema de base: teórico, mas também histórico ou relativo ao debate crítico.

Uma ulterior achega é fornecida pela *Síntese* das quatro partes em forma de esquema estruturado das ideias. A *Bibliografia* refere quase exclusivamente obras em língua italiana e privilegia, em relação ao debate crítico sobre a articulação especializada dos temas, a unidade didáctica ou a afinidade teórica dos textos perante o tratamento desenvolvido.

O texto poderá, decerto, ser também estudado por quem quer que esteja interessado numa abordagem não convencional ao assunto desta disciplina, que constitui o objecto desta achega. Quanto a aprofundamentos especializados e à fundamentação teórica, remeto para a monografia intencionalmente compilada que precedeu esta versão manual da matéria (P. Sequeri, *Il Dio affidabile*, Queriniana, Brescia 2000<sup>3</sup>).

Este livro destina-se, naturalmente, ao estudo. Também no tocante à religião, nem tudo o que é bom para pensar (se deveras for bom) é bom para a televisão. E vice-versa.

## INTRODUÇÃO

*A fé pode dizer-se conhecimento  
enquanto nela o intelecto  
é determinado e orientado  
para um objecto cognoscível.  
(Tomás de Aquino, *Sth I*, 12, 13)*

*A religião não é uma das virtudes teologais,  
cujo objecto é o fim último:  
é uma virtude moral,  
e o seu âmbito específico é o modo  
de ser daquilo que nela é orientado.  
(Tomás de Aquino, *Sth II-II*, 81, 5)*

Pese ao amplo espectro de opções existentes relativamente à sistematização da teologia fundamental (TF), parece-me haver um amplo consenso de princípio sobre pelo menos dois pontos nodais: (a) a necessidade de restituir ao tratado a sua plena dignidade teológica; (b) a oportunidade da sua concentração na qualidade e na justificação antropológica do crer.

1. A conveniente instrução teológica da ideia cristã da fé, de que se ocupa esta TF, implica o abandono da limitação nefasta que reduzia a sua exposição e o perfil ao tema convencional da apologética.

Na verdade, tal limitação implicava uma acentuação exclusiva em torno da questão da justificação racional do acto de fé (entendido depois, essencialmente, como ultrapassagem dessas razões). A descrição da fé concentrava-se, de forma quase exclusiva, nos elementos supostamente funcionais para a legitimação de tal passagem. Independentemente do juízo sobre a qualidade teórica de tal composição e contextura, basta observar que tal especialização suscitava uma limitação danosa do objecto, como se o ponto antropológicamente decisivo da fé teológica (e sobretudo cristã) fosse o acto em que nos decidimos a ultrapassar os limites da pura razão, e não tanto a adesão do coração ao Evangelho de Deus, que a justifica na manifestação de Jesus e por meio do testemunho eclesial. Por outro lado, como a ideia teológica e cristã da fé não estava desenvolvida com a necessária integralidade noutro lugar reservado, o tratamento apologético dos seus preâmbulos racionais acabava também por ser a única instrução teológica cabal da ideia da fé; mas traçava dela uma imagem algo reduzida, além de amplamente desajustada à sua natureza, fatalmente destinada a denunciar-se na catequese e na cultura contextual. Não é necessário sublinhar a paralisia daí resultante.

2. O recobro da discussão teológica global do crer cristão, no âmbito de uma exposição articulada da ideia da fé, parece-me ser, pois, o desenvolvimento coerente da instância de superação dos limites do procedimento tradicional.



O presente tratado é, porventura, algo desequilibrado quanto a esta recuperação, no intento de levar a prezar a sua consolidação. Saber, antes de mais, o que é a fé e o que faz é de importância vital, mesmo em vista de um raciocínio não abstracto em torno da credibilidade da revelação. Por último, a discussão interessante, no tocante ao Cristianismo, concerne sobretudo à ideia de fé que ele concretamente suscita: *como é e deve ser iuxta sua propria principia* [em consonância com os seus próprios princípios]. Por isso, a ponderação articulada da figura da fé que o Cristianismo eclesiástico historicamente efectua, em relação à que intencionalmente acata como princípio teológico, é um dado essencial para o exercício de uma inteligência responsável e crítica da verdade cristã e das suas razões. De resto, a fé cristã, no âmbito das religiões históricas de nós conhecidas, é a *menos preconceituosa* quanto à entrada da razão reflexiva – hermenêutica, ética, teórica – no sagrado recinto dos seus textos canónicos, dos seus construtos doutrinários, das suas práticas espirituais. A liberdade inter-étnica da sua interacção com a cultura reflexiva e o variegado enlaçamento com as mutações epocais da sua história são, decerto, de inusitadas proporções no panorama da instituição religiosa universal. Isto pode ser dito, independentemente da valoração (ou melhor, das diferenciadas valorações críticas) que os diversos aspectos – históricos e ideológicos – deste enlace possam sugerir. E já basta para tornar plausível a intencionalidade *não esotérica* que inspira os desenvolvimentos da sua teologia – quer em vista da acessibilidade histórica da sua própria *forma mentis*, quer em ordem à incidência cultural do pensar religioso que dela brota.

A integração e a adequação da TF, tendencialmente reconfigurada como verdadeiro e genuíno tratado teológico

sobre a ideia da fé cristã, comportam, ademais, uma vantagem nítida também do ponto vista do confronto cultural. Não implica, de facto, necessariamente (pelo contrário) a exclusão preconceituosa dos temas e das funções justificativas que, tradicionalmente, lhe foram atribuídos enquanto teologia da forma crente do Cristianismo.

3. O tratado teológico que se ocupa especificamente da ideia da fé ocupa-se, por isso mesmo – de modo muito peculiar – do tema das condições de credibilidade da revelação. Em relação a elas, a TF estrutura igualmente a sua alegada e comedida justificação da especificidade religiosa do Cristianismo em vista da abertura universal do Evangelho.

A fé teologal, suscitada e justificada pela manifestação cristológica de Jesus, é aceite e admitida como a qualidade instituidora da consciência confessante da Igreja. Tal consciência reconhece que, no Cristianismo e por meio dele, chega a saber a verdade sobre o destino da existência, porque se rende à fidedigna revelação do *abbá*-Deus em Jesus. Tentar compreender inteligivelmente a estrutura essencial deste evento da fé, que de modo incessante se repete, para apreender a justificação reflexa da qualidade não ilusória (não arbitrária e não dogmática) do seu princípio, é o horizonte do trabalho intelectual da teologia, aplicado a este traço fundamental da identidade cristã. Este horizonte inclui, sem dúvida, a necessidade de articular entre si diversos aspectos mais específicos e sem a possibilidade de sobreposição imediata. Assim, por exemplo, o facto de a fé teologal ser co-envolvimento num laço *afectivo* com Deus e orientação *responsável* da existência perante Ele, não simples adesão a um conjunto ideológico-programático de doutrinas e de normas; ou o facto de o Cristianismo apresentar uma

pretensão *resolutiva* no tocante à própria tradição religiosa do homem e de conceber a Igreja como instituição testemunhal *necessária* para o evento da fé; ou ainda a ideia de que o evento da fé cristã depende de uma *soberana* iniciativa da intimidade de Deus, endereçada a uma remissão da vida do homem que *transcende* toda a possível tentativa humana de determinar – teórica e praticamente – a sua consecução. E não se mencione a tensão *escandalosa* induzida pela imagem de uma fé que se afirma numa irreduzível *singularidade* e, ao mesmo tempo, quer tornar-se acessível na sua *universal* destinação: ou que se apresenta como indestrutível *paradoxo* para as *expectativas* razoáveis do homem, oferecendo-se ao mesmo tempo como estimável apoio das suas irreduzíveis *esperanças*.

4. Todos estes aspectos, e outros ainda, especificam outros tantos temas de discussão crítica e de aprofundamento teórico, que uma teologia da ideia cristã da fé não pode descurar. Numa dupla perspectiva, por assim dizer: *ad intra* e *ad extra*.

Primeiro, na perspectiva de um autónomo discernimento *autocrítico* da consciência crente que, na ideia de fé, reconhece a sua forma essencial. A compreensão da fé é igualmente um problema de identificação dos princípios que permitem reconhecer a sua autenticidade e coerência no seio do Cristianismo, encarado como grandeza religiosa, histórica e cultural. Em segundo lugar, como imprescindível exercício de lealdade intelectual de uma fé que pretenda assumir, séria e responsabilmente, a sua tarefa testemunhal no contexto do pensamento da época: com o estudo assíduo e a dialéctica indispensáveis para esconjurar um desvio meramente auto-referencial do pensar cristão.

Semelhante abertura crítica, que importa ter, em princípio, por legítima e até necessária, contribui para moderar toda a deriva auto-referencial do pensar religioso e não religioso. Será, ademais, solicitada e acolhida de acordo com um amplo espectro de diferenciações; não só quanto à diferença entre cultura teoricamente elaborada e cultura antropológica de base (hoje, amplamente evitada), mas também em relação à precipitada equação entre razão humana e pensamento filosófico ou saber científico: como se nestas formas do saber e do pensar se exprimisse pura e simplesmente o exercício da razão humana segundo a sua natureza própria. Esta assimilação equívoca dá, por vezes, a entender (embora só de modo preter-intencional) que a reflexividade aplicada pela consciência crente ou o saber expresso pela teologia académica implicam necessariamente alguma forma de abdicação ou de alteração (mesmo em vista do bem) da dotação natural do homem, que é a razão. Segundo este sub-reptício modelo de confronto, a consciência crente seria de certo modo obrigada a arribar à mente racional só por interposta pessoa. Aproveitar-se-ia justamente das formas do saber – ou até da consciência – em que a razão se exprime na sua pureza: gerando um saber da referência real do humano, que se legitima mediante a remoção da consciência crente, nele incluída.

5. De qualquer modo, a fé teologal confronta-se sobretudo com a instância universal da consciência crente que funda o homem ético. A sua busca de justificação histórica e a sua exigência de resgate transcendente representam o *humus* reflexivo e o interlocutor directo do testemunho cristão.

Sobre a vertical desta trama entre a liberdade à busca de verdade para a justiça e o evangelho da justificação de

Deus para a existência incide a evidência universal da *notitia Dei* e a provocação religiosa da *locutio Dei attestans*. O testemunho do divino possui já sempre o seu *fundamento interlocutório* na consciência religiosa do humano (no mito e no rito, no gozo e no sacrifício, na bênção e na maldição, na invocação e na rogação). Nesta perspectiva, a teologia fundamental é o momento do pensar crente em que a fé e a revelação religiosa, em vez de serem tratadas como simples pressupostos ou predicados da singularidade cristã, recebem uma tematização explícita como figuras universalmente reconhecíveis e apreciáveis do acesso à experiência histórica da verdade: precisamente na *sua* diferença. A razão teológica, longe de cultivar o desejo e a pretensão da experiência religiosa de se subtrair à distância crítica ou exigir as suas condições, é o modo de a *consciência crente empenhada com Jesus de Nazaré* honrar a qualidade inevitavelmente interlocutória do saber acerca dos nomes divinos: justamente graças ao exercício da *honestidade intelectual* que corresponde à sua *boa fé*. Ao expor esta última à instância crítica, a consciência crente arrisca, sem preconceitos, a firmeza do seu testemunho: facultada por um princípio que a justifica, inclusive no acto em que a restitui, por seu lado, ao próprio limite humano. Exerce, por isso, sem dependência e servidão, a sua iniciativa crítica no âmbito do saber comum a tal respeito, do mesmo modo que se esforça e empenha no exercício autocrítico do seu mandato testemunhal.